

FESTAS
NICOLINAS
EM
GUIMARÃES



Bando
Escolástico

Recitado

em 5 de Dezembro de 1941

pelo sextanista

Fernando da Encarnação Rodrigues

TIPOGRAFIA FREITAS - GUIMARÃES

AOS PREGOEIROS VIVOS, HUMILDEMENTE
DEDICA O
AUTOR.

Mal extintos ainda os ecos centenários,
Vejo riscar a treva, em zigs-zags vários,
Centelhas de clarões, igneis, fosforescentes,
Que vão de polo a polo e vêm queimando as gentes!
Sinto sob os meus pés estremecer a terra
E dos botões indago o porquê desta guerra (?)...
Silêncio sepulcral-do de cortar à faca-
E capaz de abafar sósinho uma ressaca.
Mais subia em pavor o mar do pensamento
Quando a resposta veio, apenas, num momento:
— "O amor já não existe. Só a maldade, enlim,
Tem dons de senhoria e a gana de Caim!
Da palavra e da honra (atributos humanos),
Nada mais que nos reste a não ser vis enganar...
É a chancelaria a urdir as falsas teias,
A venal ambição a cercar-nos de peias,
E é o mal contido ódio a provocar desgraça
Num espasmo de escárnio e de ignorância erassa;
São cheios os quartéis, destruídas as igrejas,
Num sensualismo tórpe a fomentar injejas;
O cetro da justiça é o símbolo do crime,
E o mundo a agonizar já dobra como vime;
E' o vício e a virtude jogando a sua sina,
É um mundo que ri e um mundo que assassina!"

Fugia do peito humano o génio da alegria
E o génio do ideal tombou em ruína!

Fermenta noite e dia a lava dos vales
A anunciar horrores e sérias destruições!

Não há dor que resista ou bem segura porta.
Não existe o dever.

A consciência é morta.

Tende calma, porém, ó almas de eleição!
Em breve, a luz forte deste festim pagão
Entrar-nos-á no peito, assim como em segredo,
Para acabar co'o mal e dissipar o medo.
— ¿! Que importam luto e dor, as fazendas e as vidas,
Se logo a paz vier para as almas doridas?!
— ¿! Que importam peste e guerra, o próprio afim do mundo,
Se o sol da liberdade abrir lindo e jocundo?!
— ¿! Que importa ainda o roubo, e as mal forjadas culpas,
Se o merceiro pagar a rir as suas multas?!
— ¿! Que importa, enlim, ó céus, não haver que comer,
Se a natureza o fez... co'a mira de o vender?!

Alguém mandar-nos-á, talvez, *lamber sabão*
Pretendendo mostrar a nossa sem-razão...

Embora seja assim, ninguém nos calará
Porque a Hora Suprema é certo que virá.

Mas, o vulgo lá diz: — *Tristezas, hoje, em dia,*
Não valem o que são.

Que suba em glória.
A festa a Nicolau, santo amado e querido,
Para devoção nossa e amor não fermentido;
Que a juventude cante a formosura, a graça,
E leve sol e vida à geração que passa;
Que renasça o vigor dos anos verdejantes
E, entre o clamor febril, a capa de estudantes
Seja a sacra bandeira, o guião protector
Do puro amor ideal nas almas 'inda em flor;
E onde a *Descrença* more — e vive com certeza —,
Levai-lhe a fé eterna, a *Esp'rança* portuguesa,
Pois sinto dentro em mim *oito séc'los de História*
A reviver em fôrça o que dita a memória...

A memória! a memória! essa lei de atracção
Que vem de muito longe e impele o coração
A beber a alegria, em doce embriaguez,
P'ra sorrir de saudade, ao menos, uma vez!

Recordar o Passado é recordar o céu!
— Assim Arnaldo o disse e assim o escreveu.

E, se a vida de um moço estua em cachão,
Com extremos de amor ou de forte paixão,
A nossa já andata, e presa de alma e vida,
Só vive da lembrança às vezes mal nascida!

"Como esta vida é curta" — ó meu *velho* Dellim
De cabelo grisalho e de rugas sem fim...
— E vós que me dizeis! — ó Bráulio extraordinário,
Ó sábio João de Meira e ó Padre-comissário!
Tu, Albano Belino, em quem o bom saber
De experiência feito, era feito a valer!
E ainda todos vós, poetas e irmãos afins,
Que resposta me dais? — Fala, ó Leão Martins!

Em verdade vos digo: — *A vida não seduz*
A menos que nela haja o exemplo de Jesus.
Porque, ai!, a mocidade é como a verde palma
Que, mirrando-se, traz o inverno à nossa alma.

Agora, amigos meus, vá de assunto mudar
Visto que o tempo urge e é bom principiar:
— Passemos em revista, ao jeito dos antigos,
A vida citadina e os gestos dos amigos.

Em primeiro lugar, nasce em recordação,
A festa ao *Zé de Pina* — um mestre de intuição —
Que, p'lo seu sacrifício e muita urbanidade,
Bem merece que tenha a "mercê" da cidade.

— Oh, de *bombas* tratar, não é ofício leve,
Embora julgue mal quem tal mistér não teve.

Depois desta lembrança a firmar claro intento,
Num instante se muda o rumo ao pensamento!

... Já a amplidão dos céus com núvens se escurece
E da lua se mostra o palor que arrefece.
A gente, um nada lassa, ignora as duras leis
Da parte de Morfeu... Acordada a vereis
A desprezar o leito, asinha e cuidadosa,
Lembrando um cidadão que, p'la noite duvidosa,
Dá largas ao seu afecto e vício irreverente...
Qual Diógenes moderno, arguto e indifrente,
Mune-se da candeia, alumia seus passos,
E p'las ruas caminha a descobrir seus traços.
Daqui para acolá, o estranho viandante
Reforce-se na treva, e de olhar penetrante,
O seu "Homem" procura. Apalpa e só gradua...
E quando bem o pensa, ergue a voz muito sua,
E através dum funil, rebenta e se estiola
Numa rabage igual ao frênesi do *Bola*.
Ouvem-no então dizer uns ditotes brejeiros
Contra os instintos crâes dos *amigos* padeiros
E dos reles mastins que são os seus iguais...
A violência reclama em ódios canibais
P'ra quem da lei abusa e é um pecador...
Inectiva o suborno e o açambarcador,
Proclamando a seguir: — *Castigo para o mal*
Decerto o encontrareis no Código Penal.

Ó minha Guimarães! Ó Guimarães velhinha,
Como o teu doce amor me quebranta e delinha!
Tu, que tiveste dons de subida grandeza
Nesses tempos de antanho e perdida realeza,
Hoje contas de ti graves memórias tristes
E duras mágdas tais a que tu não resistes:
— É o *rei-Fundador* posto na escuridão
A ter do *Molarinho* uma igual condição...

— Também o *Mestre Gil* — homem de fama e glória —
Se vê no no esquecimento e relegado à História...

— É *S. Dâmaso-papa*, a excomungar na morte
A ingratidão humana... e a sua pouca sorte...

— E é ainda, meu Deus, os *Mortos* d'outra guerra
A regatear em preço a defesa da terra!...

... Mas, porque nada é mau — e nos "palões" eu calo —,
Vereis em breve a "státua" a *Alberto Sampaio*
Posta naquele largo, asseado e arranjadinho,



LUIS FILIPE COELHO
Autor do
Bando Escolástico

Que para as *Trinas* é... o seu melhor caminho.
E porque isto progredir, ao começo e no fim,
Verei a bela *Ninfa* a alegrar o jardim
E a cortejar o *Fauno*, em namôro pegado.
Mas há mais: um *quartel* novo e bem equipado
Os bombeiros terão nas bandas do *Proposto*;
E mesmo pegadinho, erguido em ar de gosto,
Do Município o *Estádio* a perpetuar em glória
A fama e o valor do nosso audaz *Vitória*.

...
Mais além! Mais além! — eis a grande divisa
Que é perfeito agdrio em voz de "pionisa"...
Progredir é andar, e tudo se harmoniza
P'ra que a Cidade tenha aquilo que precisa.

E veremos, então, a rua dos *Palheiros*
Bordada de *chalets*, jardinzinhos galeiros;
A rua do Mercado a ter outra feição;
Santa Luzia ter, no inverno e no verão,
O seu parque infantil (em vez de casinhotos)
A superar em graça o ócio dos minhotos...
— E depois, que dizer da nossa aliva *Penha*?
Já me vejo a comprar uma barata senha
Para o seu *cabo-aéreo* — um sonho oriental
Que trará mór fortuna ao meu torrao natal —,
Voar ao cimo dum salto, em doida correria,
E assim poder gozar sãs visões de magia...

...
Não falarei do resto, aquilo que há-de vir,
Sabido que nem sempre adita ao meu senhir
Inconfidência tóla ou exígeros erissos
Que matem a ilusão que trago nos meus braços.

Senhoras, perdoai... a minha pobre lira
Deslira com brandura, e em ar de quem suspira,
Para cantar Amor — o velho Amor sublime
Que, vindo ao coração, a existência redime.
Não achareis poesia, oh, decerto que não,
Ao cântico que teço, em fervorosa anção,
A vossa formosura, encantos e pareza
De que rescende aroma em haustos de beleza.
Contudo, éle é sentido e vai bem afinado,
Devendo despertar um pouco do "cuidado"
Que Bernardim cantou em versos imortais
E que define Amor... e várias coisas mais.
Se aborrecido fôr, e mimo não tiver,
Desculpai-me o óusio: — melhor não sei fazer.

Ó gentil tricaninha e lindo amor-perfeito,
Em ter's um riso aberto — és mesmo do meu jeito!
Queria possuir, amor de perdição,
A ternura que tens a mais no coração,
— Toma tento, porém! Há por aí *silenos*
De muito bom falar que, requestando *Vênus*,
Passam a sua vida a recontar seus males...
Foge deles depressa — e terás quanto vales!
... Meiguice e puro Amor, o afecto eslusante,
Sómente o encontrarás na alma do estudante!
O peito é livro aberto a transbordar de fé
Onde poderás ler: — *És forma do meu pé*.
— Neles não creias, não, ó meu Amor promete,
Outros *Varrumas* são co'a pomada *Rosete*...

*

Rapazes, atenção!

A musa de cansada
Requer a permissão de acabar co'a maçada.
Dou-lhe tóda a razão... é deixá-la partir,
Pois já tardou bastante e a noite vai subir!
Mas, antes de o fazer, é nossa obrigação,
Retribuir em favor a nossa gratidão.
Que o pulso seja firme a pegar na baqueta,
E a pancada certa e das de *estrela e beta*!...
A voz do meu comando, erguidas bem nos ares,
Nos "bombos" uma coi e nas "caixas" aos pares.
Barulho e mais barulho, assim como é da praxe!
— *Continência a Minerva!*

Em frente, Amigos... *Marche!*

L. COELHO.